

O Rio Grande

ANO I - NÚMERO 4 - NATAL-RN - JANEIRO/FEVEREIRO DE 2010 - DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Durante o natal de 2009 e início de janeiro de 2010, houve em nossa cidade um belíssimo desfile temático

No desfile, símbolos da cidade do Natal se somaram às tradicionais figuras do período natalino para transmitirem pela visualidade em movimento um clima poético agradável, vendo-se çajus e papais noéis formando a Árvore de Natal e um sol estilizado remetendo à denominação Cidade do Sol

Veja na página 15



EDITORIAL

E o novo ano chegou, encerrando ao seu final daqui a meses a primeira década do século 21. O que ele trará? O que promete? O que visualizamos desde um 2009 que trouxe mortes como a do etnólogo estruturalista Claude Lévi-Strauss e do líder da música pop Michael Jackson, mas que também se abriu à chegada de novos periódicos em Natal (os jornais "Illuminati", "Jornal da Fotografia", "Novo Jornal" e este nosso "O Rio Grande")? Bom, vem por aí mais uma Copa do Mundo (pela primeira vez realizada na África), uma eleição para serem renovadas todas as administrações e as casas legislativas.

Com este ano, chega-se afinal a 2010, o ano que inspirou o filme "2010 – O Ano em que faremos contato", onde seu diretor, Peter Hyans, pretendeu, em 1984, continuar o filme "2001: Uma Odisséia no Espaço". Mas a inteligência e a criatividade e a imaginação e tudo do diretor deste último, e também os talentos de Arthur Clarke (autor da história na qual Kubrick se baseou para fazer seu filme) não mereciam a mediocridade de Hyans se metendo em uma área da qual não entende bulhufas.

De mim, posso dizer que não acredito que em 2010 nós humanos faremos contato com qualquer ser de outro planeta. Ou que o mundo se acabará em 2012, conforme anunciam alarmistas supersticiosos, baseados numa decifração de uma suposta profecia matemática de um calendário maia. O que acredito mesmo é que continuarão, sem o mundo se acabar, as dificuldades da sobrevivência de qualquer cidadão, sofrendo guerras (seja a de país contra país, ou de cidadãos fora da lei contra outros que se pretendem dentro da lei nos legislativos ou nas casas classe média), doenças, acidentes diversos, escassez de alimento e água sadios, maus atendimentos em serviços essenciais (saúde, educação, segurança), manipulação por espertos religiosos.

Porisso, me deixem comemorar tranquilamente os 70 anos de lançamento do filme "O Pássaro Azul", onde minha musa, Shirley Temple, mais uma vez arrasa. E nesta edição, nº 4 do jornal "O Rio Grande" teremos matérias, ilustrações, entrevista, poesias e fotos antigas de Natal. Que todos vocês tenham um feliz Ano Novo, e uma nova década que está começando.

Anchieta Fernandes

O Rio Grande

Expediente

Diretor

Carlos Frederico de O. Lucas da Câmara

Editor

Anchieta Fernandes
(DRT/RN – 564)

Programação visual

Edson Benigno e Valmir Bezerra

Revisão

Anchieta Fernandes

Ilustrações: JM Vieira colagens:

Falves Silva e Bianor Paulino

Capa: foto de Anielle Fernandes

Fotos: arquivo da família Oliveira, Miriam Fernandes e Clovis Santos e Jaecy

Colaboradores

Anchieta Fernandes, Dailor Varela, Edson Benigno, Valério Mesquita, e Bené Chaves

Impressão

Departamento Estadual de Imprensa (DEI)

Tiragem

500 exemplares

Colaborações, críticas e sugestões devem ser enviadas para o endereço eletrônico: carlosastral@hotmail.com

Os textos publicados neste jornal são de inteira responsabilidade dos autores.



AV. XAVIER DA SILVEIRA, 67-A - MORRO BRANCO
FONE: (84) 3204-0087



Disk Ativo 4000: (84) 3521- 4000

Macau, Guamaré, Pendências,

DOM NIVALDO: TRÊS ANOS



Valério Mesquita*
Mesquita.valerio@gmail.com

Celebra-se o terceiro aniversário do desaparecimento do arcebispo, escritor, pesquisador e teólogo Dom Nivaldo Monte. Sua passagem pelo clero potiguar enriqueceu a vida espiritual da igreja católica face a obra literária e apostólica que legou. Conheci-o desde os anos cinquenta quando era capelão do Colégio Marista em Natal. Simples, humilde e humano. Um padre que emitia claridades interiores. Residia ali na esquina da Apodi com a Princesa Isabel próximo a casa de minha avó materna, lá pelos anos cinquenta.

Como escritor Nivaldo controlava o ritmo e o tom do que escrevia. Entendeu que o verdadeiro início de sua carreira acadêmica estava numa série de exercícios, pensamentos e cânones literários. Sua filosofia cristã, talhada em forte lastro pedagógico, não se baseou apenas em atividades livrescas, mas numa operosa vivência pessoal de sacerdócio. Para ele, a literatura foi não apenas um consolo, mas um instrumento de salvação dele e de quem o seguiu.

Até esta data, a sua cadeira na Academia Norte-Riograndense de Letras ainda não foi preenchida. Sequer, proferido o seu necrológico. Reina, no círculo cultural da paróquia que habitamos a indagação do protelamento. Estariam faltando acadêmicos para fazer o elogio fúnebre do saudoso arcebispo? Ou, por outro lado, persiste a ausência de nomes para sucedê-lo condignamente? Nenhuma interrogação é procedente. Saudar Nivaldo Monte é privilégio para qualquer homem de letras da Casa de Câmara Cascudo. A procrastinação do fato já chama a atenção, enfim, de todos e até da igreja, de onde se presume venha a sair o seu sucessor. Nomes já desfilam nas naves dos templos. Alguns abençoados, outros tantos sem provimento. Há quem afirme que pressões e impressões



São três anos do falecimento de Dom Nivaldo Monte; por isso, a homenagem que o escritor Valério Mesquita lhe presta neste artigo

estão chegando do alto dos morros cariocas aos confins da ponte de Igapó.

Aliás, entendo que o assunto pertence a Academia e não a igreja. O compromisso da instituição é escolher um sacerdote que tenha, em vida, convivido, se identificado com o arcebispo, e que reúna capacidades literárias dignas do seu nome. Sem interferências, sem injunções, nem subserviências. Um nome que habite no meio de nós. Culto e humilde. A ANL não é grêmio estudantil. Representa a comunidade literária potiguar nos seus diversos segmentos. Expressão maior da cultura do povo.

O crédito de confiança de uma eleição honesta, sem manipulação, está nas mãos do nosso presidente Diógenes da Cunha Lima, escritor, poeta, biógrafo, pesquisador e um nome acima de qualquer suspeita. Na sua isenção e na de todos que respondem por parcelas de liderança entre os acadêmicos, repousam os braços e abraços da paz.

E quem fará o necrológico, primeiro passo para deflagrar o processo sucessório. O nome inicial comentado recaiu na pessoa do acadêmico Jurandyr Navarro da Costa. Depois, surgiu o do imortal cômico José Mario de Medeiros, também, até hoje, não oficialmente confirmado. Ambos capazes de exercer a nobre tarefa. Agora, só resta saber qual dos dois, aceitou a incumbência. O que não é mais cabível, *data vênia* - como diria o orador José Gurgel Guará - seja usado mais adiamento como despiste ou manobras de bastidores, à hora do crepúsculo. Vamos celebrar, portanto, o aniversário do desaparecimento do inesquecível Nivaldo Monte, sem olvidar o preenchimento de sua cadeira, pois lá de cima ele está espiando, parecendo dizer, do jeito que gostava, a todos nós: "Nêgo véio, o meu assento tá quebrado?". O seu legado tem que ser continuado.

(*) **Escritor.**

Entrevista: Marcos de Souza Sobrinho

Administrando o DEI

Edson Benigno

Novacruzense. Marcos de Souza Sobrinho, 47, resolveu topar a parada para a qual foi convidado pelo Governo do Estado: de administrar o Departamento Estadual de Imprensa (DEI), órgão tão importante à caracterização do perfil cultural do Governo do estado. Desde julho de 2008 ele ocupa o cargo de Diretor-Geral e desde então, auxiliado mais de perto pelo Coordenador de Administração, Emerson Osório Domingos Xavier, vem dirigindo o departamento. Como alguns dos pontos positivos de sua gestão, pode-se mencionar a melhoria na estrutura física, incluindo a construção de novas salas, distribuição de setores, manutenção de um programa de estagiários que contempla estudantes, renovação de equipamento de informática, e a própria manutenção deste suplemento valorizando assim a cultura. Simples, simpático, aberto às sugestões e reivindicações do pessoal – este é o Marcos de Souza Sobrinho que resolvemos entrevistar para divulgarmos não somente seu perfil biográfico, mas também suas idéias isentas de qualquer carranquismo burocrático.



O diretor do DEI explica sobre a nova realidade do Departamento

Nós do Rn - O DEI é um departamento consolidado?

Pastor Marcos – Sim; o DEI é de fato um departamento consolidado e tem um relevante serviço prestado à sociedade, a medida em que tem por missão imprimir a transparência dos poderes.

Nós do Rn - Algumas imprensas oficiais de Estados brasileiros criaram excelentes veículos de cultura desde o final do século passado, como o **Nicolau**, do Paraná; e o **Leitura**, de São Paulo. O senhor pretende manter sempre este nosso suplemento, **Nós, do RN**, que tem recebido elogios daqui e de outras terras, inclusive dos presidentes de outras imprensas oficiais?

Pastor Marcos – Enquanto tiver o privilégio de dirigir o DEI, farei todo esforço necessário à manutenção desse veículo cultural que na sua formatação têm ajudado a mostrar a cara do nosso estado, de seus valores culturais e de sua gente.

Nós do Rn - Qual foi até hoje o ponto marcante de sua administração como gestor do Departamento Estadual de Imprensa?

Pastor Marcos – A valorização de nossa força de trabalho através de cursos de qualificação e a atualização de nossa aparelhagem de informática.

Nós do Rn – Qual sua opinião sobre o programa de estágios? Gostaria de saber ainda se há possibilidade de voltarem a ser contratados jovens carentes, da classe pobre, que chegaram a ser contratados em determinada época?

Pastor Marcos – Reputo como de grande importância, pois além do alcance social o programa objetiva treinar os jovens para a vida profissional; Quanto à contratação de jovens carentes como você coloca, o governo têm desenvolvido um programa de largo alcance social voltado à juventude beneficiando diretamente milhares de jovens de nosso estado.

Nós do Rn - Como está a gráfica

do DEI? Foram comprados modernos equipamentos?

Pastor Marcos – Numa primeira fase estamos promovendo uma melhoria no maquinário já existente através de manutenção corretiva e sobretudo preventiva; contudo, é nossa intenção adquirir novas máquinas, que nos permitam avançar quanto à qualidade e agilidade de nossas necessidades nessa área.

Nós do Rn - O Museu da Imprensa Oficial Eloy de Souza está cumprindo o seu papel pioneiro, de não deixar morrer a memória das velhas imprensas, suas máquinas mecânicas (ainda não computadorizadas), seus jornais ilustrados com xilogravuras, os equipamentos antigos dos seus repórteres (máquinas de escrever, fotografias que tinham de ser reveladas no escurinho do laboratório e não na tela do computador), a diagramação com máquinas de calcular, a revisão com código de leitura próprio?

Pastor Marcos – Você basicamente já respondeu a essa pergunta, porém, em se falando do nosso querido Museu da Imprensa Oficial Eloy de Souza



Pastor Marcos de Souza Sobrinho

tenho a alegria de destacar que o meu enfoque mesmo seria para um programa de visitas que desenvolvemos junto às escolas onde os alunos têm a oportunidade de ver as máquinas em pleno funcionamento; o nosso museu pelas suas características é considerado um museu vivo e do meu conhecimento, com essa condição, é único entre as imprensas oficiais.

Nós do Rn - Qual seria a estratégia a ser aplicada se, por exemplo, o Diário Oficial não tiver que circular mais por falta de matérias, colocando aqui a hipótese dos diários oficiais municipais poderem ser feitos pelos próprios municípios? Seria o governo do Estado colocar a obrigatoriedade da certificação para valer um documento só com a publicação no Diário Oficial do Estado?

Pastor Marcos – Primeiro, a necessidade de publicação dos atos do governo do estado por si só, justificam a manutenção do Diário Oficial; segundo, as empresas e mesmo as pessoas físicas também têm obrigatoriedade legal de vários de seus atos e, por fim sobre essa exigência de publicação exclusiva no Diário Oficial do Estado é uma discussão bem mais ampla e a meu ver passa necessariamente por uma questão de legislação.

Nós do RN – E o velho jornal mais que centenário, A República, ainda teria possibilidade de voltar a circular, ou de, pelo menos, se reeditar edições históricas (lembro aqui a da tragédia de Santa Cruz, quando vários municípios ficaram sem luz e sem energia elétrica por conta do arrombamento de uma represa e A República publicou páginas inteiras somente com reportagens enfocando o caos e as necessidades da população desabrigada)?

Pastor Marcos – Possibilidade, eu te diria que sim; todavia, entendo que para isso teríamos que avaliar alguns pontos fundamentais a essa realização como estrutura de pessoal, de maquinário, de material etc.



Vista da Rádio Poty final dos anos 1950



Vista panorâmica da Praia do Meio - Avenida Circular - num domingo de maio de 1947



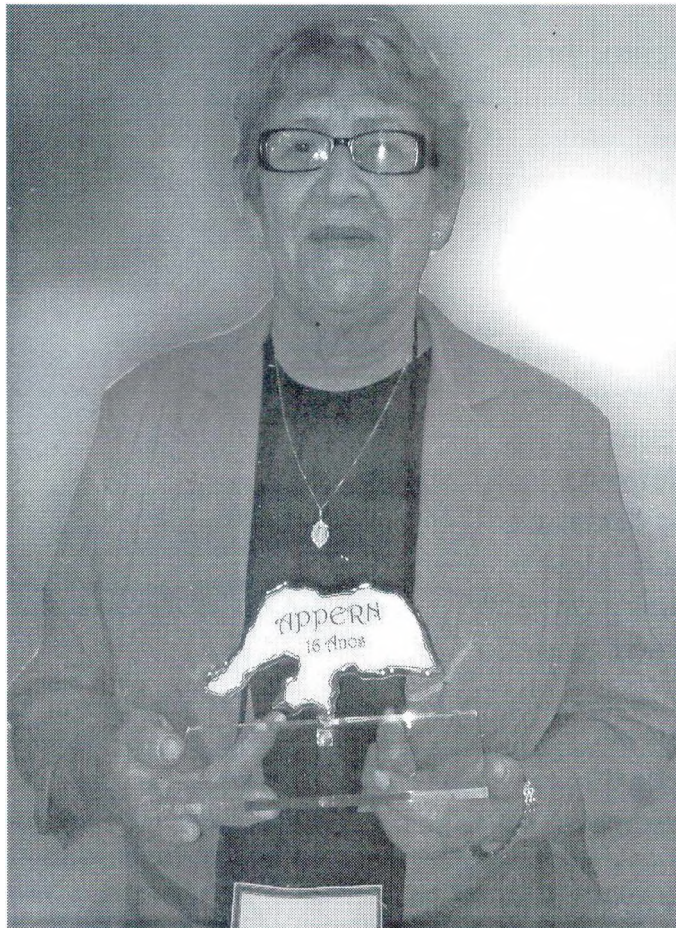
Vista panorâmica da Praia de Areia Preta - um domingo dos anos 1960

Histórico da Associação dos Pintores de Porcelana - APPERN

A Associação dos Pintores de Porcelana do Estado do Rio Grande do Norte – APPERN foi fundada em 1992 por um grupo de 18 pintoras, entre as quais, professoras de pintura em porcelana, como, Liana Santos de Souza, Terezinha Martins, Jayra Gondim, Iratê Kumeda, Irany Souza, entre outras que formaram a primeira diretoria, com o objetivo de expandir, incentivar e desenvolver a arte da pintura em porcelana e vidro neste Estado.

Durante estes anos, tem realizado seminários, cursos, exposições, work shops, além de excursões a eventos culturais em outros Estados, cumprindo seus objetivos. De uns treze anos para cá acrescentou às suas tarefas, outros seguimentos da arte como, cerâmica, escultura, pintura em tela e seda.

Tem atraído para Natal artistas de outros Estados para ministrar cursos e seminários.



Iolanda Bezerra de Oliveira: membro da Associação dos Pintores de Porcelana do Estado do Rio Grande do Norte

Realiza anualmente uma exposição Nacional, como ocorre todo ano, sendo esses eventos, onde oferecem além da parte cultural, troca de experiências entre artistas de âmbito nacional.

Stands de vendas para aquisição de produtos e materiais estão instalados por ocasião do evento, por firmas especializadas

do sul do País, facilitando seu acesso às pintoras do Estado haja vista não existir representação desses produtos no mercado local.

A APPERN, que esses anos já foi administrada por várias diretorias, havendo sempre um clima de cooperação e boas convivências entre seus associados.



SALESIANO SÃO JOSÉ
NATAL – RN

Aqui o futuro É PRESENTE

Largo Dom Bosco, 335 - Ribeira - Natal/RN

74 Anos

Ser um jovem poeta

RISOS

Palavras ao vento, brisa relaxante, conversa amiga com um grande amigo, o furacão vem vindo, vamos cumprimentá-lo e chamá-lo para entrar, tomaremos chá, como se nos conhecêssemos há muito tempo... brincaremos nos pastos junto com as ovelhas, cordeiros e lobos, iremos discutir a origem da vida e junto a pandora discutir a origem da morte... risos saem do meu rosto, porém a quem ler deixa o enigma... da pergunta de por que eu estou chorando...

Poema do livro inédito
"O Código do Profeta"

Em seu mergulho poético à sua memória introspectiva, os recursos temáticos do dizer de Felipe se diversificam: tom figurado do poema "Risos", onde mostra a sucessividade rápida de estados de espírito; simplicidade de poemas como "Carta na Manga"



Felipe MB de Oliveira, natalense nascido a 08 de abril de 1989 (portanto, tendo completado 20 anos), estudante do 7º período do curso de Ciências da Computação na UFRN, expressar sua juventude é seguir na vocação de poeta, produzindo poemas quase diariamente.

Carta na Manga

Na escuridão sórdida
de beleza amedrontadora,
vejo a luz emitida
do brilho de teu cabelo.

Ao luar vejo teu olhar
ao correr, o teu andar,
ao fugir, a incerteza da destreza,
ao mentir, a beleza amedrontadora.

Corro, fujo, minto...
ando, desisto, falo...
medo de falar é ter vergonha de si mesmo.

Eu digo, falo, e não minto
jogo as cartas na mesa,
mostro os ases, os reis e as rainhas,
vamos agora vir a jogar...
o nosso grande e antigo,
jogo das perdições.

Poema do livro inédito "O Código do Profeta"

NATAL EM GUIPIARA

JM Vieira

Bené Chaves

Os sinos da igreja tocam: blemblemlém, blembém. E os presépios são armados nas casas de Gupiara, com a presença do velhinho de barba branca. A alegria das criancinhas na festa magna da Crisandade, os cartões correndo soltos dos correios às residências. E as poucas árvores enfeitadas com bolas coloridas. Tudo era motivo para uma festa maior.

Aquela fase, meu filho, dizia o pai preocupado, podia ser a melhor do mundo. Gupiara enfeitava-se, as pequenas lojas alegravam suas vitrines. Parecia ser uma louvação à inocência daquele bondoso povo. Os habitantes mais aquinhoados gastavam aos montes. E o ritual falava mais alto pra banda de seus arredores.

Mas, nos arrabaldes próximos dali, não existia o ímpeto que se observava no centro da cidade. Muitas vezes nas cercanias e povoados vizinhos, crianças não tinham do que se alimentar. Os casebres eram tristes e escuros. Aquela gente às vezes passava fome de verdade. Ou pior: passava fome o dia inteiro.

Então, meu filho, pensei comigo: que disparidade! E concluí com tristeza nos olhos: todos vêm ao mundo para viver, embora a maioria



vegetasse na imundície. Precisávamos dar a parte que cabia aos outros. Acho que o humano não existe, o que conta mais é uma tapeação. E a ilusão que ficara a sombrear os menos favorecidos.

Gupiara sabe disso, você também, meu filho. E o pai olhava desolado ao seu redor. Mainhô e Tia Chica devem saber. Todos estão errados, o mundo está errado. A verdade é um sonho. As pessoas também o são. Eu e você... Daqui mais algum tempo Gupiara talvez nem exista. Ou apenas seja um arremedo do que fora na simplicidade de antes.

Blemblemlém, blembém... Meia-noite e missa rezada na pequena igreja. O padre a dizer uma verdade mística. E um desafio para rapazes e moças que namoravam, apenas namoravam. Poucos rezavam de verdade, muitos parodiavam de mentira.

Naquelas circunvizinhanças tudo se mesclava de ambigüidades.

Os sinos repicavam e as árvores surgiam belas, aparentemente belas. E no fim de ano todos se congratulavam a espera de dias melhores. Dias que nunca chegavam, intermináveis dias principalmente para aquele povo pobre. Desde cedo a lutar contra a opressão e uma desigualdade social a cada dia mais palpável.

E assim Painhô costumava filosofar: meu filho, o homem é inimigo dele mesmo, somente prevalece o interesse e a vaidade em si próprio. Veja esse imenso descampado - e apontou em direção ao infinito. Quão gigantesca é a natureza!, disse. Mas, o ser humano é bem pequenininho, diminuto mesmo.

Juro que saí dali convencido que tudo e todo esse festeiro não passava de uma ficção. Meu pai sabia das coisas.

A Imprensa Oficial do Rio Grande do Norte, contribuindo com a divulgação dos atores e autores culturais do Estado, publica mensalmente encartado no Diário Oficial o suplemento cultural *Nós do RN*.

É o Estado preservando e resgatando seus valores culturais



Departamento Estadual de Imprensa

Av. Câmara Cascudo, 355 - Ribeira - fone (84) 3232 6780 - 3232 6795 - Natal - RN

Os melhores filmes vistos nos anos 60

Anchieta Fernandes

IV – Cinema Panorama

O Cinema Panorama, até hoje o único cinema que existiu no bairro natalense Rocas, foi mandado construir por Luiz de Barros (Casa das Máquinas), e inaugurado no dia 29 de janeiro de 1967, com o filme **O Satânico Dr. No.**, do diretor inglês Terence Young. O prédio do Panorama deixou de existir como cinema após um **happy end** ao contrário não tão feliz, já que se especializando em pornofilmes baratos, em 1999, quando do seu aluguel à Igreja Missão Evangélica Pentecostal do Brasil. Como este primeiro cinema das Rocas só foi inaugurado já na segunda metade da década 60, eu não farei agora como os comentários anteriores, colocando um filme por ano, da década. O cinema começou com excelente programação, entre lançamentos e reprises; e assim, incluírei todos os bons filmes de 1967, um de 1968 e dois de 1969.

1) **O Satânico Dr. No.** Como já registrei, foi o filme que inaugurou o cinema. É o primeiro da série com o personagem **007**,



O cinema Panorama foi o primeiro do bairro das Rocas, inaugurado em 1967

baseado na criação do escritor Ian Fleming. Se tornou mais um dos símbolos da revolução dos anos 60, um **cult** daquela geração, o herói que “lutou nas margens extremas dos heroísmos tradicionais sem traí-los, e nas da ficção científica sem nela cair.” (Violette Morin). Qual o espectador masculino do Panorama daquele dia 29/01/1967 que esqueceu a imagem de Ursula Andress surgindo das ondas, de biquíni? E qual a espectadora feminina que esqueceu o jeito sexy de Sean Connery interpretando James Bond com aquela irresistível fleuma britânica? O filme é de 1962.

2) **A Pantera Cor-de-Rosa.** Estava em cartaz a 25 de fevereiro de 1967. É outro filme inicial de uma série, produzida tanto para cinema como para a televisão (aqui inclusive em desenho animado, baseado na originalíssima abertura do filme inicial, em desenho de Freleng e De Patie). Peter Sellers revelou todo o seu talento de comediante, e Claudia Cardinale mostrou mais uma vez, com generosidade, sua beleza. Henry Mancine compareceu com uma música, aqueles mágicos toques sincopados que também marcaram toda uma geração de espectadores e telespectadores, deste filme de Blake Edwards realizado em 1964.

3) **Amor, Sublime Amor.** Apresentado na sessão de 07 de março de 1967. Mais uma vez o gênio Robert Wise presente nas telas natalenses, desta vez com esta obra-prima feita em

parceria com o coreógrafo Jerome Robbins, musical premiado com 10 Óscar's, realizado em 1961. O casal principal, Richard Beymer e Natalie Wood está muito bem, nos papéis de Romeu e Julieta, transposta assim, excelentemente, a tragédia shakespeariana para a Nova Iorque dos anos 50, para onde emigravam constantemente latino-americanos.

4) **Luzes da Ribalta.** Uma boa reprise no Panorama, a 01 de abril de 1967. Como em outras partes do planeta, o drama do velho palácio, realizado e encarnado por Chaplin (com sua partner Claire Bloom) em 1952, também emocionou a platéia natalense no bairro operário.

5) **As Aventuras de Tom Jones.** Estava passando no cinema da Rua São João este filme realizado por Tony Richardson em 1963. Estava sendo exibido a 08 de maio de 1967. O filme, realizado dentro do espírito brincalhão e anti-autoritário do movimento Free Cinema, fundado pelo diretor, juntamente com Karel Reisz e outros jovens cineastas britânicos da época. Ganhou o Oscar de Melhor Filme no mesmo ano de 1963. Albert Finney e Susannah York se destacaram nos papéis principais.

6) **O Homem Que Sabia Demais.** Pois é, o mestre do suspense compareceu também a tela do Panorama, no primeiro ano de existência do cinema. De Alfred Hitchcock, e com a dupla James Stewart/Doris Day

dando show de interpretação, este filme de 1955, versão de outro de 1934, com o mesmo título, e realizado também por Hitchcock, mas na Inglaterra e não nos Estados Unidos, estava em cartaz a 30 de julho de 1967.

7) **Deu a Louca no Mundo.** Engraçada comédia dirigida por Stanley Kramer em 1963, com a participação de astros do porte de Jerry Lewis e Jimmy Durante, e atrizes talentosas como Ethel Merman. A história é uma correria só, para ver quem chega em primeiro lugar ao local onde está enterrada uma grande fortuna, segundo revelação de um ex-assaltante que está morrendo. Em cartaz a 01 de novembro de 1967.

8) **Topkapi.** Quem foi se sentar

numa das 540 cadeiras do Cinema Panorama, a 02 de março de 1968, viu na tela este filme de Jules Dassin, realizado em Istambul, na Turquia, com a esposa de Dassin, a atriz Melina Mercouri, e Peter Ustinov, este último tendo ganho um Oscar por sua interpretação neste policial cheio de suspense, dirigido pelo grego, realizador de outro famoso filme policial: **Rififi**. 1964 é o ano de **Topkapi**.

9) **O Colecionador.** Baseado em livro de John Fowles, a história deste filme do mestre William Wyler conta o drama de uma moça seqüestrada por um doentio colecionador de borboletas, que a mantém presa em um porão numa casa isolada, no campo. Portanto, bastante suspense e

emoção, transmitidos por Terence Stamp e Samantha Eggar, em momento que lhes valeu o recebimento do prêmio de interpretação do Festival de Cannes. O filme é de 1965, e estava em cartaz a 24 de maio de 1969.

10) **Por Quem Os Sinos Dobram.** Outra boa obra literária inspirando uma adaptação cinematográfica excelente. Ernest Hemingway escreveu o best-seller em 1939, e em 1943 Sam Wood dirigiu a versão cinematográfica cobrindo cenas da Guerra Civil Espanhola. Gary Cooper e Ingrid Bergman fazem o incrível par romântico no ambiente perigoso das batalhas, mas iluminado pela beleza fotográfica do sistema Technicolor. Em cartaz a 12 de setembro de 1969.



O filme **Amor, Sublime Amor**, do diretor **Robert Wise**, obra-prima dentre os musicais hollywoodianos, foi um dos que foram mostrados pelo cinema Panorama em seu primeiro ano de existência

ALÉM DO SELF-SERVICE NO PESO E DOS PRATOS A LA CARTE O BELLA NATAL APRESENTA:



APENAS

**R\$
24,50**

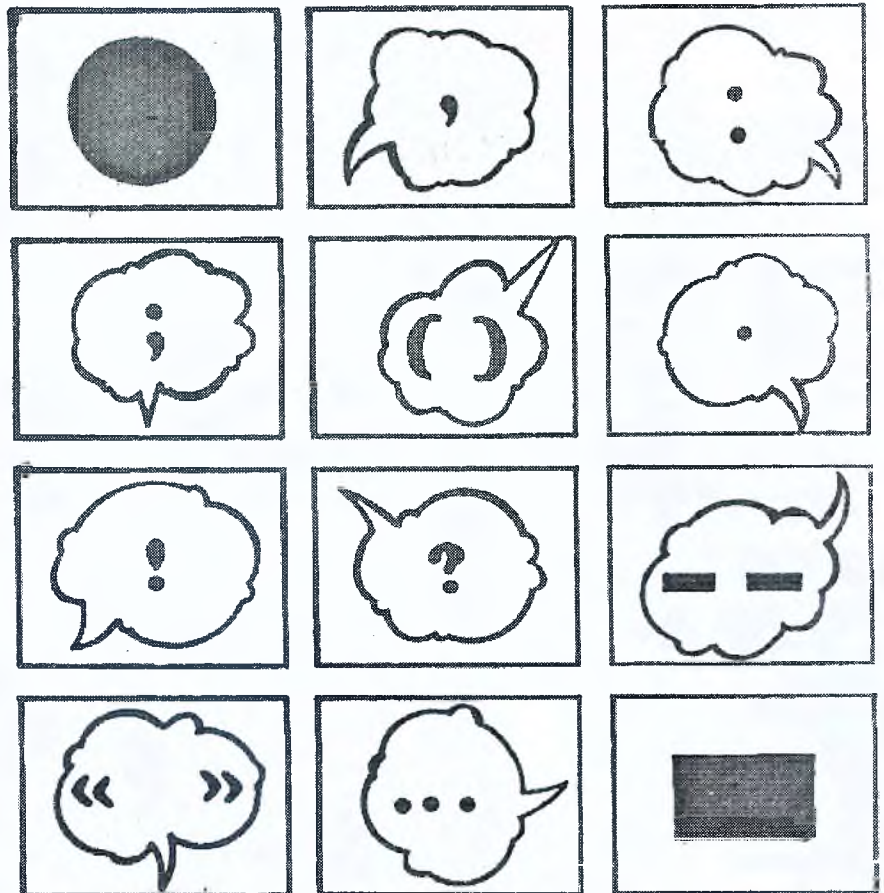


O poema/processo está vivo e/ou o lirismo é a doença infantil dos poetinhas potiguares

Dailor Varela

“Praieira dos meus amores”. Eu prefiro o encanto do olhar pop de Mike Jagger, dos Rolling Stones. Nossos poetinhas preferem fazer versos sobre o luar de Ponta Negra. Até quando, Falves? Like a Rolling Stones. Leio numa revista que Bob Dylan, o maior poeta pop dos dois últimos séculos, caminha sozinho pelo lixo/luxo de New York. O poema/processo está cada vez mais vivo, na clandestinidade de outros nomes (poema visual, arte postal, o escambau). Acabo de ligar pra Wladimir Dias Pino, 83 anos, cada vez mais em processo criativo. Onde andar­á Moacy Cirne nesta tarde vazia, enquanto o mar bate azul em Ponta Negra? Sun Land. Como diz Falves, marginal que rima com genial. Numa carta de Falves, os olhos de Terezinha de Jesus me olham e eu olho pros olhos dela. Ponho pra ouvir “Chega de Saudade” com João Gilberto. Ouço cada vez mais. Vanguarda é o silêncio do seu violão. John Cage. Eu durmo ouvindo eles e acordo ouvindo Rolling Stones. “Eu sou neguinha?” Assim como o poema/processo, a Tropicália vive. Caetano Veloso é, com Jomard Muniz de Brito, o pensador livre mais em rotação neste país de Lula. “A esquerda se endireitou.” A frase é de um professor amigo meu. Lula e Saeney. “Moro num país tropical/abençoado por Deus...”

Recentemente participamos, eu, Jota Medeiros e outros criadores em



O poeta Bianor Paulino também participou da criatividade do movimento Poema/Processo em uma segunda geração do grupo de poetas novos

processo, de uma mostra de poesia visual na Áustria. Os poetinhas fazem poeminhas sobre o Rio Potengi. Navarro não merece. TRAVESSIA. Navarro foi o último **pierrrot, lê fou**, lírico e bêbado, que amei nestas terras potiguares. O resto é imitação e pintores de caju coloridos para turistas. Mais de 40 anos depois, o poema/processo ainda mete medo. E Falves nega-se a vender cartões postais para turistas. Prefere beijar

os lábios de Terezinha de Jesus ou do Diabo.

Triste Natal, oh quão dessemelhante! Onde andar­á Cosma Cósmica Blues? Cada vez que vejo um vídeo de Paul McCartney me lembro de Márcio Tassino. Freud explica? E um potiguar que mora em Sampa me liga o outro dia perguntou: “você sabe se Cosma e Márcio Tassino ainda estão casados?” Não sei e nem quero saber. “Casamento,



www.seboamorim.estantevirtual.com.br

RUA PADRE GERMANO, 135 - N. DESCOBERTA

Fone: (84) 3206-2790

enfim, não é papo pra mim”, cantava o Rei nos idos dos anos 60. Amo os dois, juntos ou separados. Aprendi a amar Bob Dylan na casa do Falves, na subida da Ladeira do Sol. Dylan e Zappa. Mário Rasec, o vampiro de Neópolis, é o maior talento da prosa/poesia potiguar nas últimas décadas em processo. Seu livro “O Corpo de Cristo” é uma obra-prima da literatura nacional. Está junto com Caio Fernando Abreu. É preciso cuidado com Rasec. Ele come criancinhas, é ateu e representa um sério perigo à tradicional família potiguar. Ame-o ou deixe-o.

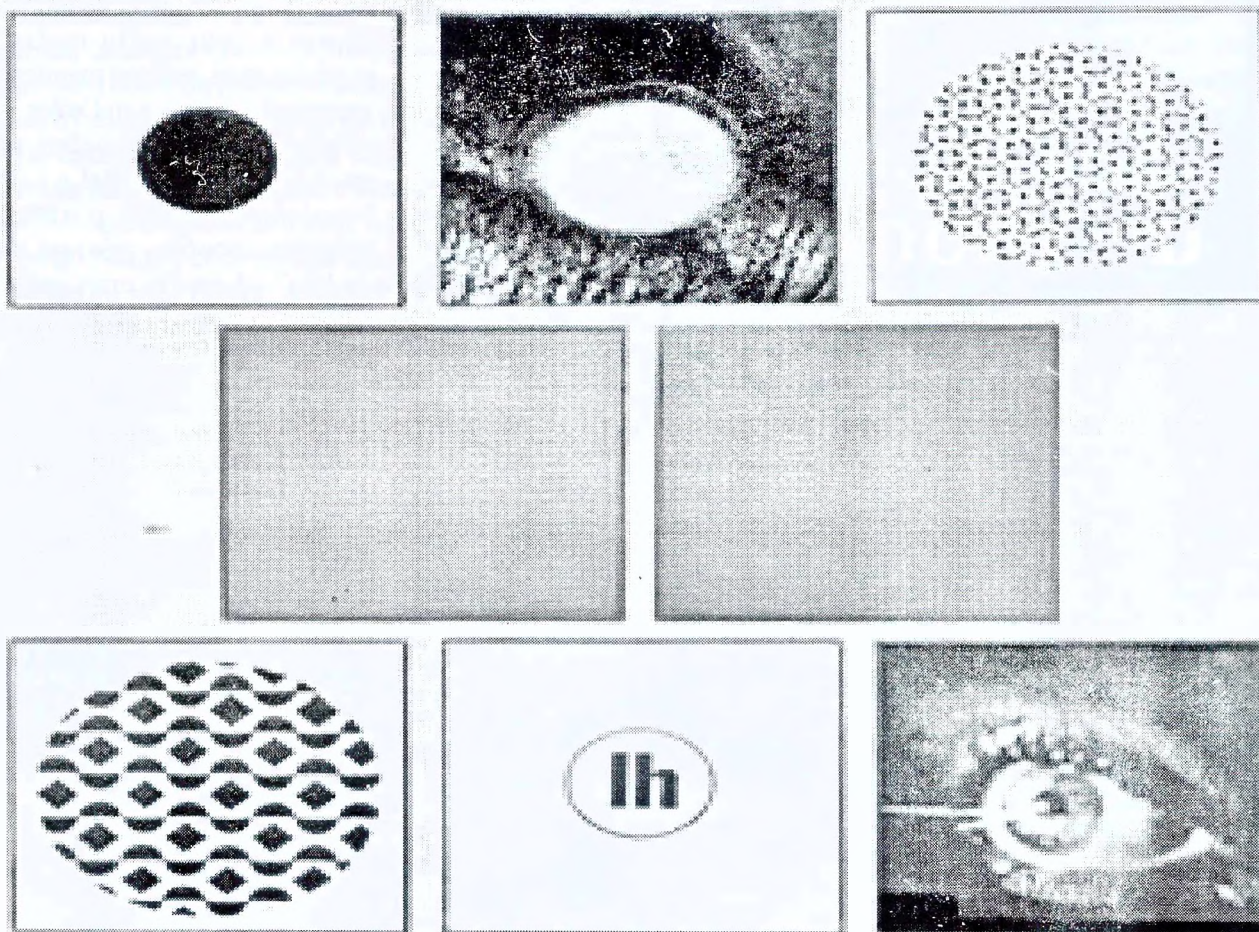
Depois de ler os poemas de Dylan Thomas e Marianne Moore, entrei em transe poético. Depois deles, Pound, Cabral, Maiakovski, tudo pode virar subpoemas (ou subpoetas, Descartes?). Nunca fui apaixonado por Fernando Pessoa. Chega uma hora em que ele é um chatolórico. Mas o que interessa é a Copa do Mundo e as Olimpíadas, no Brasil. Deus é brasileiro. Ora pro nobis. Já não somos calados e

magros, esperando o jantar. Salve a Seleção. Só sei que na abertura dos jogos da Copa, Terezinha de Jesus não irá cantar o Hino Nacional. Isso é coisa pra dona Ivete Sangalo, que eu não suporto.

Joaquim Branco, o diabo de Cataguases, acaba de lançar “Jogo de Palavras”, um livro de bolso com poemas e projetos. Genial. Recomendável para quem quer aprender vanguarda. Não confundir com vã guarda. Joaquim Branco é o gênuo da raça mineira. **Grande Sertão** em processo. TRAVESSIA. Gosto da cara e das palavras de Marina da Silva. Salama@go não acredita em Deus. “Deus só existe na cabeça das pessoas”, disse numa recente entrevista. E agora, Falves? Tenho medo de arder no fogo do inferno. “O inferno são os outros” (Sartre). Ando cada vez mais monge de mim mesmo. Não suporto tanta banalidade. Saio cada vez menos de casa. Fico olhando as colagens de Falves, os olhos de Terezinhaaaaaaaaaahhhhhhhhhh e ouvindo João. Estou inventando uns

objetos muito doidos, com material retirado do lixo. O lixo das cidades do Sul Maravilha é bem eclético. Outro dia achei umas reproduções de Picasso, uma mesa e um livro de Lorca.

Teresa Maciel é avó. Tempo, tempo, tempo. “És um senhor tão bonito quanto a cara do meu filho” (Caetano). A musa da mini-saia do cinema de arte é avó. Brigitte Bardot está ficando velha. Mas Tema é uma avó pop. Toca piano e dança “Genesi” do Caetano. Os netos aplaudem. Brigitte Bardot cria bichos, Teresa Maciel cria esperanças e sua cabeça nunca envelhece. Não é mesmo, Marquinhos? Imperdível o CD de Zé Ramalho cantando Dylan. Uma amiga evangélica me disse que o fim do mundo está próximo. E agora, Teresa? Odaíres é nome de planeta. É possível que exista um planeta com o nome de Odaíres. Muito além do sistema solar. Aquecimento global para todos. Onde eu moro, Monteiro Lobato, na Serra da Mantiqueira paulista, fazia frio. Fazia. Hoje eu durmo nu. O rei está nu. Eu também.



Falves Silva, um dos mais criativos poetas/processo natalenses, mencionado pelo articulista Dailor Varela, tem pesquisas em diversos tipos de linguagens, usando grafismos, colagens etc.



Disso e daquilo

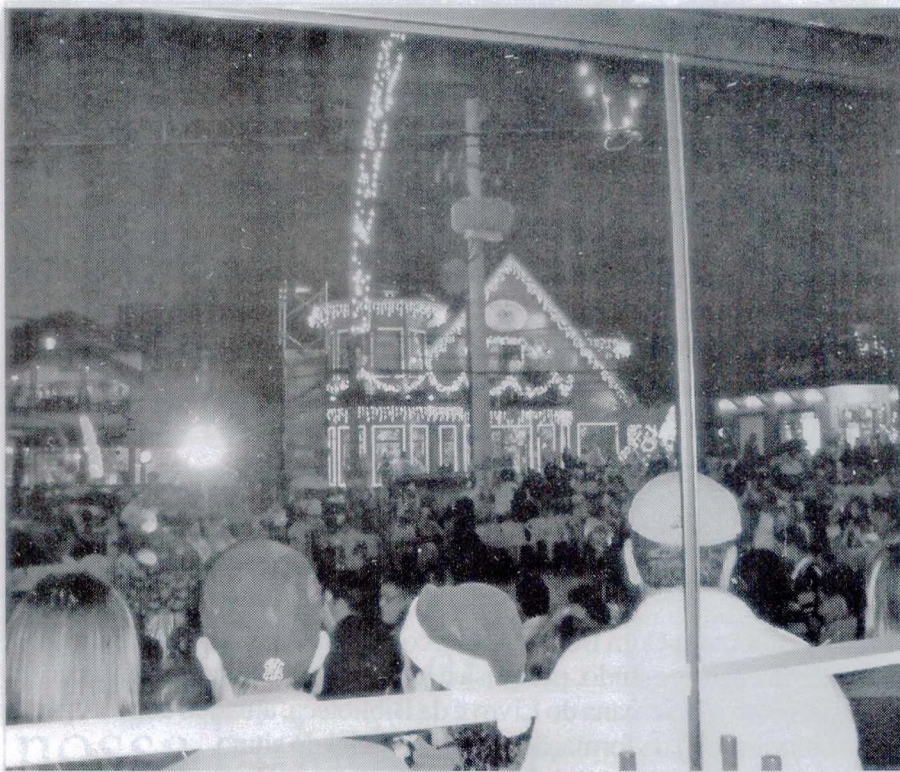
Anchieta Fernandes



A NOVIDADE DE UMA REEDIÇÃO

A Ateliê Editorial, editora de Cotia, em São Paulo, reeditou uma obra de grande importância no contexto cultural nacional. Trata-se de “do modernismo à bossa nova”, de Jomard Muniz de Britto, um recifense que também pode ser considerado natalense por amor à nossa cidade, por sua presença instigantemente mobilizadora de mentes criativas, em momentos-chaves da nossa vida cultural desde os idos dos anos 60 do século passado. Aqui em Natal Jomard pronunciou conferências, desenvolveu semanas culturais, mostrou seus curta-metragens experimentais, assinou manifestos de vanguarda, bebeu com Dailor Varela e Falves, e criou uma definição que muito nos honra: “Natal, a Londres Nordestina” (isso porque nos referidos anos 60 – máxime a partir de 1967 – Londres era a capital de onde se irradiavam as caras psicodélicas e os movimentos de vanguarda, coisas que Natal liderava também na época). Mas neste Jomard humaníssimo está uma grande inteligência interpretativa da cultura brasileira. E com linguagem própria, o livro “do modernismo à bossa nova”, publicado pela primeira vez em 1966 (Livreria Civilização Brasileira), apresentado por Glauber Rocha, o menino furioso do cinema novo, é o que o autor da orelha desta segunda edição diz: “é dos primeiros, senão o primeiro, em que a música popular, ao lado da literatura, é constituinte de nossa educação sentimental e política – fato que só mais tarde foi colocado em relevo nos estudos sobre formações culturais brasileiras.”

O livro “do modernismo à bossa nova”, publicado pela primeira vez em 1966, é um dos exemplos da força do texto de Jomard Muniz de Britto, crítico, poeta, cineasta e grande amigo de Natal



SONS E IMAGENS NATALINAS

No início do mês passado, houveram críticas à maneira como o poder público estava festejando em Natal o período natalino de 2009. Talvez críticas exageradas, que não compreendem a mão de obra que é administrar eventos como este. Relembro que foram positivas, ao final de dezembro, belos espetáculos natalinos em Natal: “Maria, José e o Menino Deus”, pela Prefeitura, e “A Festa do Menino Deus”, pelo Governo do Estado. Estes bons espetáculos se completaram com um lindo desfile, com vários grupos (incluindo crianças como anjinhos dançando). Enfim, lembrando um pouquinho a coisa de primeiro mundo da cidade gaúcha Gramado, onde, durante 67 dias e noites (de 12 de novembro de 2009 a 17 de janeiro de 2010) a cidade se transformou em um parque temático do Natal, com milhares de luzes multicoloridas, corais, orquestras gaúchas regionais, desfiles com personagens típicos da época, o show dramático-musical “A Fantástica Fábrica do Natal”, com efeitos que visualizam um verdadeiro sonho de criança, enfim, uma beleza! A mana Miriam Fernandes esteve lá e trouxe um dvd que mostra tudo.

NOVOS LIVROS

A bibliografia norte-riograndense se enriqueceu, na última temporada de 2009, com o lançamento de bons livros. Logo em novembro, Marize Castro entregou ao leitor, na Siciliano do Midway, mais um livro de poesia. “Lábios-espelhos”, onde, sem se preocupar com quantidade de versos, chega à síntese de **Equação**: “Em Zila, exilo-me.” Também em novembro, e na mesma livraria, foi lançado o livro “Dom Marcolino Dantas por ele mesmo”, onde o autor, o acadêmico e cômico José Mário de Medeiros, tem o mérito de revelar o perfil biográfico do 4º Bispo e 1º Arcebispo de Natal, o homem das tiradas espirituosas mas anticomunista radical. Já no final de novembro, no dia 17, no Palácio da Cultura, Tarcísio Gurgel lançou mais uma obra representativa do seu versátil talento (contista consagrado de “Os de Macatuba”, ensaísta e crítico literário com “Informação da Literatura Potiguar”, além de homem de televisão, apresentador do programa “memória Viva”, na TV Universitária, e também homem de teatro), desta vez “Belle Époque na Esquina”, reconstituindo um inegável clima **belle époque** na Natal da oligarquia Maranhão (onde existiram curiosidades como o casamento de Pedro Velho com uma tia, tomando seu avô também seu sogro e sua mãe também sua cunhada) e do Principado do Tirol. Estendendo esta **belle époque** tropical até os anos 30 do século passado. Cláudio Emerenciano e Geraldo Queiroz lançaram livros novos ao final do ano passado.

TALENTOS RELEMBRADOS

Destaques no mês de novembro do ano passado, que é justamente o mês em que se presta mundialmente homenagem póstuma aos mortos – foram alguns eventos que lembraram e homenagearam mortos norte-riograndenses, que marcaram com o seu talento a nossa cultura. Na noite de 13, por exemplo, a música potiguar de qualidade recebeu o aval simultaneamente em dois locais da nossa cidade Natal. No auditório da FAERN (na Casa da Indústria), o projeto Nação Potiguar, da Fundação Hélio Galvão e Scriptorin Candinha Bezerra, lançou dois cds de K-Ximbinho (“K-Ximbinho Duetos” e “Sanfonado”), resgatando a obra do famoso compositor do chorinho “Sonoroso”, nascido em Taipu em 1917 e falecido no Rio de Janeiro em 1980. Na Academia Norte-riograndense de Letras, na mesma noite, foi homenageado nesta data em que faria aniversário, o compositor, cantor e instrumentista Tico da Costa, nascido em Areia Branca em 1954 e falecido em Natal no ano passado. A noite contou com um show onde amigos falaram sobre e cantaram músicas de Tico; e o lançamento de dois cds: “Canção de Natal e outras cantigas”, onde Tico musicou letras de Diógenes da Cunha Lima; e “Cenas do Rosário”, poemas de Ives Gandra musicados pelo areiabranquense. No dia 15, na página “Muito”, do Diário de Natal, o jornalista cultural Sérgio Vilar lembrou, com um inteligente texto, os 90 anos de nascimento do escritor Oswald Lamartine, o gênio da obra clássica “Sertões do Seridó”, e falecido em 2006.



COLÉGIO SALESIANO SÃO JOSÉ NATAL

COLÉGIO SALESIANO SÃO JOSÉ
BIBLIOTECA DOM BOSCO
Largo Dom Bosco, 335 – Ribeira – Natal/RN
Email: biblioteca@salesianonatal.com.br

A Biblioteca Dom Bosco tem o compromisso de estimular a prática de leitura nos seus usuários, desenvolvendo suas aptidões e seu senso de responsabilidade, tornando-a um membro proveitoso e vantajoso para a sociedade.

Como disseminadora da informação a Biblioteca Dom Bosco, possui como missão servir seus usuários, auxiliando no processo de desenvolvimento do ensino, estudo, pesquisa e lazer, disponibilizando materiais informacionais desenvolvendo projetos anuais com a II Semana do Livro e da Biblioteca, atuando como órgão auxiliar do colégio aonde a biblioteca vem contribuindo na formação pessoal e social do aluno.

Composto por mais de 3.900 títulos, com 10.383 exemplares à biblioteca Dom Bosco disponibiliza diversos periódicos em corrente atualização propiciando serviços dentre os quais podemos destacar:

- Empréstimo, devolução, renovação (on-line) e reserva (on-line);
- Auxílio e orientação no uso das obras de referência;
- Projeto dinamização da leitura;
- Visitas programadas
- Catálogos automatizados;
- Hemeroteca;
- Aulas de normalização
- Pesquisas on-line
- Contação de história
- Espaço infantil
- Mural Informativo

Horário de Funcionamento:
de segunda à sexta-feira - das
7:30 às 17:30h.

Fotos da Biblioteca durante a II Semana do Livro e da Biblioteca – Outubro/2009

